

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR INCLUSIVO EM “MY LITTLE PONY: A AMIZADE É MÁGICA” DIANTE DA PEDAGOGIA LIBERTADORA

Iza Clarice de Souza Feitosa¹

RESUMO

O artigo apresentado tem como objetivo, observar os principais pontos da pedagogia libertadora e sua importante contribuição para um momento de aprendizado inclusivo. Pautada nas ideias e pensamentos de Freire (1996), a animação “*My little pony: A amizade é mágica*” desenvolvida por Lauren Faust trabalha em sua oitava temporada a importância de acolher as diferenças e inclui-las no método de ensino dentro da sala de aula. Embasado também pelas ideias de Silva, Abramowicz, Rodrigues e Cruz, observaremos como é crucial o trabalho com a pluralidade e as diferenças em sala de aula. Trazendo essa discussão também para o mundo dos educandos a partir do olhar em *My little pony*, uma vez que foca especialmente na posição das crianças e adolescentes diante dos métodos de ensino.

Palavras-chave: educação, inclusão, diferenças, my little pony.

INTRODUÇÃO

O artigo apresentado, é originado de um olhar minucioso e atento diante da série animada “*My little pony: a amizade é mágica*”², das ideias de Paulo Freire diante da pedagogia libertadora³ e da importância de se trabalhar as diferenças no espaço escolar. Uma vez que pautadas nessas ideias, observamos como a situação do modelo escolar atual, é representado diante da visão de uma criança ou adolescente, tecendo assim uma crítica em relação ao mesmo.

Mais especificamente falando, no decorrer deste artigo abordaremos a criação e desenvolvimento da “Escola da Amizade” em *My little pony* e a sua relação com um fazer pedagógico inovador, pautado nas ideias de Freire. Uma vez que, a Escola da Amizade foi pensada para ser um ambiente onde as criaturas que vivem em Equestria e em seus

¹ Graduanda do 8º Período de Letras da Faculdade Pitágoras – Campus Caruaru/PE. – contatoclarayaraujo@gmail.com

² Animação desenvolvida pela Hasbro Studios, que conta a história de uma realidade alternativa em um país chamado Equestria, onde pôneis descobrem a importância e o valor da amizade e harmonia.

³ Conceito desenvolvido por Paulo Freire que visa, principalmente, estabelecer a escola e o fazer pedagógico como um espaço para a socialização de conceitos trazidos pelos próprios educandos e também que visa ressaltar a importância de se trabalhar em sala de aula o que eles vivenciam fora dela, conscientizando-os no processo e também os preparando para melhorar sua realidade.

países aliados, ou seja, os pôneis e as diversas outras criaturas, possam entender o valor da amizade a sua importância para estabelecer laços através da honestidade, alegria, lealdade, generosidade e bondade.

Questionando também a eficácia do modelo escolar atual diante do quadro diversificado que temos em uma sala de aula no séc. XXI, outrora, talvez a exclusividade do ambiente escolar e acadêmico pudesse ser justificada por questões como acessibilidade financeira e social. No entanto, isso não se encaixa mais no momento contemporâneo, onde é, ou deveria ser, de interesse geral a integração de todo jovem e criança na escola.

Além disso, observaremos também alguns pontos interessantes da realidade representados na ficção, principalmente no que se trata a princípios de inclusão, valorização da diversidade e acima de tudo respeito, uma vez que, segundo o próprio Freire (2020), os homens não se educam sozinhos, mas educam uns aos outros em comunhão.

CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS EM SALA DE AULA

Dentro da sociedade contemporânea podemos observar características únicas em cada ser humano que diferenciam uns dos outros. Na hipótese de um universo paralelo, se pudéssemos observar de casa em casa veríamos como essas singularidades ficam ainda mais evidentes de um lar para o outro. Pensemos nessas singularidades como universos particulares, agora imaginemos como seria se cada universo particular se colidisse com outros diversos em algum lugar. Assim é a sala de aula.

De acordo com Silva (p. 74, 2000) “Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto-referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe.”, uma vez compreendida a afirmação de Silva (2000) acerca da diferença, esta torna-se um fator impossível de ser ignorado no meio do aprendizado. Comprovadamente pensando que ‘a diferença simplesmente existe’, ela deve tornar-se um assunto em evidência dentre os educandos.

Quando mostrado na animação “*My little pony: a amizade é mágica*” em um primeiro momento o contato entre as criaturas que já habitavam a região e frequentariam a escola e as criaturas vindas de outros ‘reinos’ há uma estranheza provocada pelo senso comum que se tinha de que apenas pôneis frequentariam a escola, no entanto no decorrer

da temporada essa questão é trabalhada e as criaturas diferentes passam a ser cada vez mais bem integradas e incluídas no âmbito social da sala de aula.

O mundo como o conhecemos é formado por estas e tantas outras formas singulares do simplesmente existir e é em sala de aula que podemos observar as mesmas. Segundo Freire, (p. 15, 1996) “O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo.” Só através da prática em sala de aula que se dispõe a ir além das questões pré-estabelecidas pelo senso comum e atravessando as barreiras da diferença é que podemos, como ansiava Freire, intervir no mundo e conhece-lo.

AS DIFERENÇAS EM PAUTA NA AULA

A construção de diferenças sociais dentro da sala de aula, vai muito além de compreender estas apenas enquanto existentes no mundo. Menos ainda pensar uma enquanto inferior a outra, as chamadas “minorias” existentes como por exemplo, a comunidade LGBTQIA+, o movimento negro, o feminismo, entre diversos outros já afirmam seu lugar de existência quando reclamam para si toda sua história e feitos. No entanto, apenas isso não se mostra suficiente, uma vez que reconhecer a sua existência torna-se uma tarefa árdua e diária, principalmente pois estes grupos não iniciam sua carreira tendo plena ciência da opressão que sofrem, é necessário uma construção deste orgulho no que diz respeito ao “ser” alguma coisa. Freire (p. 54, 2020) diz que: “Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual elas devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se “inserem” nela criticamente.

Com isso, um palco apropriado para esses debates é a sala de aula. Esta deve ser um espaço livre das amarras do preconceito e que abrace a diversidade e conhecer o novo, regido pelo professor, o qual também deve ser/estar livre de preconceitos, tem em suas mãos o ambiente perfeito para a construção de indivíduos socialmente críticos e acolhedores. Ainda dentro dessa perspectiva Freire (p. 21, 1996) apresenta que “Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.”

Em paralelo a isso, dentro de situações ficcionais criadas por programas televisivos, já se nota uma forte crítica à exclusão daquilo que é diferente em sala de aula. A exemplo disso, podemos tomar “*My little pony*”, cuja crítica será observada neste artigo, que mesmo sendo uma animação voltada ao público infantil traz ao debate a problematização da integração seletiva, apenas do que é considerado “direito”, “normal” e “correto”, excluindo totalmente o que se tem de diversificado em termos de humanidade.

Trabalhar as diferenças em sala de aula vai muito além de uma palestra marcada uma vez ao ano nas escolas para lembrar aos seus estudantes que há lá fora pessoas que são diferentes umas das outras. Esse trabalho requer um pouco mais de sutileza, uma vez que, como dito no início deste artigo, há diferenças entre pessoas que convivem em um mesmo ambiente há tanto tempo. O melhor quadro de diferenças é senão a própria sala de aula. Visto que, é o ambiente perfeito para o contato entre crenças distintas dos próprios educandos, por exemplo.

A PLURALIDADE EM EVIDÊNCIA E A SUA IMPORTÂNCIA

Pensando na inclusão das diferenças, é de suma importância que os educadores trabalhem arduamente para quebrar a concepção egoísta de que “apenas o meu está certo” que é implantada na forma de ver o mundo dos educandos. Através de uma construção pautada na igualdade que conseguiremos alcançar a equidade. Para isso é necessário a desconstrução total dessa concepção egoísta de “EUcentrismo”, apenas a minha visão está correta, apenas a minha forma de pensar e agir funciona, apenas aquilo que eu sei é verdadeiro e deve ser tido como verdade absoluta.

Silva (p. 81, 2000) nos traz a seguinte colocação, “A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais.” Dentro de uma sociedade de existência plural, ou seja, integrada por pessoas que pensam e são diferentes umas das outras, é completamente compreensível a necessidade de se afirmar enquanto ser existente e representante da sua identidade.

Dentro do ambiente escolar deve haver abertura para proporcionar este contato dentre esses diferentes mundos, por exemplo, uma criança criada em uma família homoafetiva com dois pais e uma criança criada em uma família ‘heteroafetiva’ com um pai e uma mãe irão aprender na escola que há diversos tipos de construções de famílias

diferentes e que uma não necessariamente é inferior a outra. Para tanto que isto se aplica também em questões religiosas, de classes sociais e de raça e não se limita apenas a situação de crianças, mas também outras pessoas inseridas no contexto escolar na condição de educando.

Novamente, “*My little pony*” nos traz uma observação de crucial importância ao mostrar em seu desfecho como é de interesse maior cultivar amizades e laços, apesar das diferenças, para o crescimento pessoal e coletivo, do que trabalhar em cima de políticas excludentes que em muito pouco contribuem com a evolução social enquanto pessoas.

Historicamente falando, a existência e o cultivo dessas aversões nos levou a situações de guerra e conflitos onde perdemos milhares de pessoas, orientar crianças e jovens a reconhecer e debater as diferenças nos fará ir além enquanto sociedade. Quebraremos as barreiras que pensamentos retrógrados e a sua propagação construíram entre nós.

A CONSTRUÇÃO CRÍTICA DENTRO DE MY LITTLE PONY

Ao seguirmos observando a dinâmica escolar diante de uma sala de aula plural é de suma importância observar isso a partir da visão dos próprios educandos, nesse caso em específico as crianças. Pensando nisso, devemos observar a série animada, *My little pony: A amizade é mágica* (2010) conta a história de um grupo de pôneis que tenta promover a paz em seu país e entre países vizinhos através de ideias de amizade. Em uma de suas temporadas temos a proposta da criação de uma “Escola da Amizade” partida de uma das princesas, no enredo da animação.

A Escola da Amizade, tinha como propósito propagar os conhecimentos referentes a magia da amizade dentro da própria ficção, no entanto, a ideia não é bem recebida pela instituição gestora do modelo escolar dentro da história. Uma vez que há uma maneira muito seleta de como as coisas devem ser feitas. O cumprimento à risca das regras e do regulamento chega a tal ponto que, as relações internacionais entre os próprios “reinos” são colocadas em jogo, uma vez que trabalhar de acordo com a Associação Escolar de Equestria (AEE) se prova um trabalho árduo principalmente pelo seu conservadorismo no que diz respeito a acolher criaturas de outras espécies dentro de uma de suas escolas.

Principalmente diante da presença de um personagem chamado Reitor Neighsay que se mostra completamente irreduzível em relação a flexibilizar o ingresso de estudantes de outras partes em uma das escolas aprovadas pela AEE ao chegar e se deparar com tal situação, a sua decisão é fechar a escola permanentemente.

Ainda dentro de *My little pony* (2010) observamos o seguinte diálogo:

- Minha escola ensina a todos nós a trabalharmos juntos através da amizade.
- E como sabe que essas criaturas não vão pegar o que aprenderam aqui e usarem contra nós?
- Amizade não é só para pôneis!

Através da proposta da animação, as crianças e adolescentes que assistem à série conseguem ter uma visão clara, dentro da sua perspectiva de mundo das problemáticas que envolvem uma escola cuja política pedagógica não é inclusiva e tampouco abrangente em relação às diferenças. Conclusivamente, o desfecho dessa jornada apresenta uma situação, em que a educadora, no caso, a Princesa Twilight, se impõe diante do sistema reivindicando uma escola inclusiva pautada no que podemos interpretar como a pedagogia libertadora dentro da animação. Segundo é colocado na própria série, “Esses alunos me lembraram que toda amizade é especial, então nosso jeito de ensinar também tem que ser único, minha escola vai fazer de um jeito diferente.” *My little pony: A amizade é mágica* (2010).

Além disso, podemos estabelecer uma relação com as ideias de Abramowicz, Rodrigues e Cruz (p. 96, 2011) que nos dizem que

Na realidade precisamos de uma pedagogia do intolerável. Temos assistido passivamente um processo de aniquilamento sutil e despótico das diferenças: seja sexual, racial, étnico, estético, entre outras, ao mesmo tempo em que há uma resistência cotidiana a esta processualidade do submetimento realizada por pessoas ou coletivos sociais excluídos, a pedagogia do intolerável não é a monumentalização da tragédia, do miserabilismo, ou da vitimização.”

As próprias crianças e adolescentes já enxergam essas falhas e erros no sistema educacional atual, algo que prejudica o seu próprio entendimento de mundo diante do que

deveria ser ensinado em sala de aula e do que realmente é ensinado. Não menosprezando as ciências exatas, humanas, biológicas e tantos outros fazeres científicos cultivados na escola, mas é necessário ir além, ir em busca de uma educação humanizadora.

A VISÃO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DIANTE DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

No momento em que não conseguimos nos distanciar do molde limitante da educação bancária, já teorizada por Freire (1996), também fazemos da educação uma ferramenta de decorar e não de aprender. A partir disso então, o ensino se monta em um pedantismo baseado no modelo educacional do século passado que não atinge mais a real necessidade da sociedade contemporânea e isso é bem evidente para as crianças e adolescentes.

O conceito deles de escola e estudo provavelmente se distancia muito da ideia de “um lugar para explorar e conhecer” e se torna um lugar para decorar algumas fórmulas, aplica-las corretamente em uma prova e seguir para a próxima fase. No entanto, no fim do dia estas ainda voltam aos seus lares com as suas amarras que as impedem de crescer e descobrir o mundo e sua infinidade de oportunidades guiadas pelo saber.

Como consequência, acabam por não serem orientados a se livrarem dos preconceitos carregados em si próprios pela educação recebida até o momento escolar e em muitas situações, durante o momento escolar. Abramowicz, Rodrigues e Cruz (p. 96, 2011) declaram que “O racismo, o preconceito, toda uma micropolítica fascista que exclui a diferença, colocando-a no lugar de desvio, dá certo, pois cada um de nós trabalha ativamente em favor desta lógica.”

Partindo do anunciado acima, torna-se evidente presumir que, aquilo que não combatemos cultivamos. A partir do momento em que não trabalhamos as diferenças de maneira acolhedora e permitimos que o preconceito se perpetue no ambiente que for contribuiremos para o seu crescimento e propagação, diante disso, é vital a instrução dos educandos no que diz respeito à desconstrução de tais ideologias retrógradas e equivocadas.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, é interessante observar como mesmo diante das políticas avançadas, filosofias desenvolvidas, pensamentos compartilhados e tantas outras formas

de entender uma melhor maneira de educar e compartilhar conhecimento, ainda falta muito a se entender no que diz respeito a como compreendemos o outro em sua diferença na sala de aula.

Apesar de alguns avanços proporcionados dentro da área pedagógica no que se conhece por métodos de ensino-aprendizagem, ainda há, por certo, uma árdua batalha no reconhecimento a diversidade como também o respeito da mesma. Uma vez que não há como “padronizar” crianças e adolescentes para agirem de certa forma pois todos pensam diferente, tem vivências diferentes e vem de ambientes diferentes. A forma mais viável para fazer da sala de aula um espaço promissor, é a partir do acolhimento ao que é diferente.

Em “*My little pony*” conseguimos ter esse ponto de vista e como isso mostra-se vital para a interação da sala de aula, onde nós precisamos formar além de mão de obra para o mercado de trabalho, mas também cidadãos intelectualmente críticos, socialmente solidários e politicamente ativos. É necessário não apenas jogar fora o “manual de regras” da educação, mas analisa-lo de acordo com o seu tempo no passado e pensa-lo sobre uma nova perspectiva para um futuro. E acolher a pluralidade talvez seja o caminho mais rápido para alcançar tal feito.

REFERÊNCIAS

DAZE school pt. I (Temporada 8, ep. 1). *My little pony: A amizade é mágica* [Seriado]. Direção: Jim Miller. Produção: Devon Cody, Stephen Davis, Meghan McCarthy e Nicole Dubuc. Los Angeles: Produtoras Allspark Animation, DHX Studios Vancouver, 2018. 1 DVD (45 min.), son., color.

DAZE school pt. II (Temporada 8, ep. 2). *My little pony: A amizade é mágica* [Seriado]. Direção: Jim Miller. Produção: Devon Cody, Stephen Davis, Meghan McCarthy e Nicole Dubuc. Los Angeles: Produtoras Allspark Animation, DHX Studios Vancouver, 2018. 1 DVD (45 min.), son., color.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura) .

FREIRE, Paulo, 1921-1997 74 ed. *Pedagogia do oprimido*/Paulo Freire. – 74 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020. 256 pp.



SILVA, Tomas Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/
Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes,
2000.

ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGES, Tatiane Cosentino; CRUZ Ana Cristina Juvenal
da; A diferença e a diversidade na educação. Contemporânea, São Carlos, SP, v. 1 n. 2
(2011), p. 85-97, Julho – Dezembro de 2011.

